

Em apenas quatro dos seus 25 anos de vida, completados no dia 21 de abril último, Brasília não esteve sob governos militares. Naquele início, era um canteiro de obras tentando firmar-se como original idéia arquitetônica, urbanística e social. Hoje é uma cidade já formada e com problemas gravíssimos que desafiarão a manifesta vontade de acertar do governo da Nova República. José Aparecido de Oliveira, o governador nomeado, escolheu e empossou o secretário, convocou os inventores da cidade para a sua assessoria e decidiu enfrentar a deterioração e as distorções sofridas pelo Projeto Brasília, através da recuperação da obra e do reconhecimento da sua realidade de ser vivo e, por isto, mutante.

Não se trata, apenas, do tombamento de prédios e espaços principais para evitar que, como ocorreu nos últimos anos, eles sejam alterados segundo o gosto duvidoso do governante de ocasião. Este tombamento do Plano Piloto como um todo, mencionado apressadamente pelo governador ao assumir, é uma idéia controversa e terminantemente afastada pelos que entendem que a cidade está crescendo, está em movimento, não é estática, e o tombamento só viria prejudicá-la. É possível tomar o que está pronto, acabado, com a Esplanada dos Ministérios ou a Praça dos Três Poderes, não mais que isto. Pretende-se repor a cidade em seu lugar, do ponto de vista da arquitetura e do urbanismo.

Compromisso

Em outro ângulo de preocupações, o governo tentará superar os problemas que já ocorrem dentro desta cidade, alguns específicos dela, outros comuns às cidades de igual porte, enquanto ainda é tempo. José Aparecido de Oliveira quer resgatar Brasília na sua dignidade e na sua dimensão nacional, acreditando ainda que a cidade deve ter um compromisso permanente com a modernidade e o universalismo.

Este propósito, certamente, exigirá tratamento adequado à polêmica que envolve os mitos e mazelas reais de Brasília, que são maiores do que sua pouca idade e extrapolam os 5.783 quilômetros que circunscvem o Distrito Federal.

Cidade da mordomia, desumana, provinciana, detestada pelos moradores, sem vida cultural, são alguns dos mitos criados para Brasília, principalmente por analistas em visita rápida. Viver em Brasília é uma experiência que leva o cidadão a irritar-se com esta visão simplista, superficial, da sua cidade e a classificar os problemas em outro patamar de complexidade.

Não é a cidade da mordomia. Quem possui mordomia, na capital da República, são pouquíssimos, um número proporcionalmente ir-



Um desafio chamado Brasília

Criada há 25 anos, a capital da República enfrenta problemas e distorções.

risório de seus moradores, que não somam mil numa população de cerca de um milhão e meio de pessoas. Os que têm mordomia são os ministros, os secretários-gerais de ministérios, os presidentes e diretores de bancos, o presidente da República e os presidentes e diretores das poucas empresas públicas que têm sede na capital. A população não usufrui de mordomia. Ao contrário, por ser formada basicamente de assalariados — 61% da população total tem no salário sua única fonte de renda, 45,5% o dispõe de rendas mensais que variam entre um e três salários mínimos, sendo apenas 7% os que possuem rendimentos superiores a dez salários mínimos.

Não é uma cidade provinciana. A esta proposta subjetiva de provincialismo, é possível contrapor muitas idéias do cosmopolitismo da cidade que é hoje, por exemplo, um centro de desenvolvimento da Psicanálise. Em outro ramo sofisticado de atividades, o da diplomacia, o embaixador norte-americano Diego Asencio costuma atestar que a operação diplomática em Brasília é da maior eficácia pelo cosmopolitismo da cidade.

Cultura

Brasília tem vida cultural. Embora seja, por sua juventude, ainda uma cidade mais consumidora do que produtora de cultura, os meados dos anos 70 representaram um início de virada dessa tendência. Não é possível transformar em definitivas algumas fases nítidas da

existência de Brasília: a ebulição política de 1968 e a indiscriminada caça às bruxas que perdurou no início dos anos 70 não apenas impediram que a comunidade brasiliense emergisse culturalmente, como empurraram de volta grupos de intelectuais, artistas, professores e cientistas que estavam aglutinados em torno do projeto da Universidade de Brasília, por exemplo.

Brasília não é uma cidade detestada. O grande número de pessoas que acaba ficando após um período temporário de governo atesta que os moradores amam a sua cidade. Indagando aqui e ali as razões pelas quais diferentes grupos (solteiros, casados, com filhos, sem filhos, solteiros com família, adolescentes) sentem-se felizes em Brasília, é possível obter respostas como estas: ausência de problemas como poluição, segurança, trânsito; tempo de sobra para si mesmo; há espaço, facilidades e ar puro para crianças; há espaço e trabalho para qualquer pessoa e, a mais, 300 dias de sol por ano.

A falta de opções para o lazer e a ausência de pessoas na rua são outros mitos criados em torno da cidade. É verdade que as pessoas estão mais nos ambientes fechados do que na rua, mas basta medir os espaços para ver que a cidade é diferente e exige hábitos diferentes. O espaço entre a Praça dos Três Poderes e a rodoviária é maior do que o Central Park em Nova York. Ali anda-se de automóvel e somente durante o dia, por-

que é um local de atividade diurna.

Quanto ao lazer, é verdade que a cidade possui os cinemas de pior qualidade entre tantos que existem no mundo, com pulgas e máquinas que cortam a fita, mas o brasiliense pode optar pelo campo, divertindo-se nas piscinas naturais de água mineral e nos sítios e cachoeiras vizinhos. Também dispõe de bares, restaurantes, boates no Plano Piloto e nas cidades satélites.

Um terreno de 800 metros quadrados na Península Norte do lago Paranoá, comprado em 1982 por Cr\$ 2 milhões, foi vendido em abril último por Cr\$ 65 milhões. Um apartamento de quatro quartos na Superquadra Sul 302 foi anunciado, para aluguel, por Cr\$ 7 milhões, em março passado, preço a ser corrigido de acordo com a variação da ORTN. Os apartamentos de dois quartos estão com um aluguel médio fixado em Cr\$ 1,7 milhão. Um terreno da Península dos Ministros, no lago Paranoá, era avaliado em Cr\$ 10 milhões há dois anos e em janeiro último valia Cr\$ 425 milhões. A especulação imobiliária, em Brasília, é um problema sério, real e atual, que se agrava em períodos de troca de governo.

Política

A cidade tem um segundo e destacado problema grave, com o mesmo grau de atualidade e importância do primeiro: a sua estrutura e organização política. Com aproximadamente 50 associações representativas de quadras, comunidades, profissionais e uma popu-

lação altamente politizada em seu todo, a cidade tornou clandestinos todos os partidos e vive um caos político.

Qualquer anúncio de providências governamentais sobre a busca de solução do problema de moradia, no Distrito Federal, lança fogo ao caldeirão imobiliário da Capital da República. Brasília tem um desenho finito e não é possível, como o é para qualquer prefeitura, abrir uma nova avenida e oferecer, a partir deste gesto, milhares de lotes para construções residenciais.

O déficit habitacional está calculado em 80 mil moradias e os planos de expansão, através de novas unidades satélites, têm sua execução retardada pela exigência de investimentos vultosos. Assim, as favelas proliferam em Brasília, sendo que uma delas, a do Paranoá, está com quase trezentos mil habitantes. Não há como retirá-los pelos já conhecidos problemas de investimento e somente favelas menores têm sido transferidas para cidades satélites.

Os partidos políticos — todos — são clandestinos em Brasília. Quando um morador da cidade-satélite de Ceilândia cita alguma liderança como sendo do PMDB, ele está se referindo a alguém que pode ter uma ficha do partido ou que tenha sido eleito pelo PMDB de Goiás. Não existindo os partidos, a atividade partidária é exercida nas presidências de associações, de sindicatos, de entidades múltiplas registradas em cartório, nas lideranças corporativistas. E,

com esta informalidade, os partidos perdem sua capacidade de arregimentação, ampliação de bases e representação mais ampla da população.

As lideranças já existem não apenas nas associações e entidades diversas, mas têm revelado uma capacidade de representação de grupos maiores, até mesmo de uma região do distrito. Entretanto, a comissão que está revendo o entulho autoritário e que pretende promover a estruturação política da cidade, está criando condições, segundo suas lideranças, para que a cidade seja o reino da aventura política.

Não se limitam aos problemas de moradia e de estrutura política as dificuldades que podem ser identificadas em Brasília, atualmente. Embora sejam graves e específicos problemas, a eles somam-se outros comuns à maioria das cidades brasileiras de igual porte, acentuados pelos necessários e previstos anos que são gastos para as adaptações de planos ideais.

Deficiências

Assim, a cidade apresenta-se já, neste momento, com uma precária rede de saneamento básico, que deixa sem esgotos as cidades-satélites e mesmo a área residencial que circunda o lago Paranoá. Possui uma rede de abastecimento deficiente e pouco sofisticada. Oferece um sistema de atendimento em saúde que não consegue acompanhar a realidade com o planejamento original. Sofre uma deficiência absoluta na área de serviços do setor terciário: Brasília ainda é o paraíso do quebra-galho, do biscateiro, do aventureiro, do improvisador, do amador de qualquer serviço, do inespecífico — o contínuo do ministério, à tarde, é o garçom da noite, como o sergente do posto de gasolina é o electricista do fim de semana.

Neste quadro estrutural, salta com violência o problema de transportes, oferecido por uma rede insuficiente e de tarifas elevadíssimas. As cidades-satélites, por exemplo, estão distantes do Plano Piloto. Para chegar ao trabalho, as pessoas realizam viagens de até 80 quilômetros, em trajeto direto, pois não há núcleos populacionais ao longo das rodovias. Um ônibus, com capacidade para 60 pessoas, pode sair com uma lotação de 40 pessoas do Gama, cidade-satélite localizada a 80 quilômetros do Plano Piloto, e chegar à Esplanada dos Ministérios com os mesmos 40. A falta de movimento circular torna o transporte pouco rentável.

Nos momentos de maior movimento, a lotação é excessiva, havendo uma ociosidade total no restante do tempo, o que deixa os pátios de estacionamento de ônibus superlotados. A operação é deficiente para o usuário, que aplica mais de 20% do seu salário em transporte, mesmo utilizando-o apenas para ir ao trabalho.

Rosângela Bittar

Uma velha paixão, cultivada com esperança.

Em um prédio velho e sem porteiro, no finalzinho da praia do Leblon, vive o arquiteto, educador e urbanista Lúcio Costa, desde o verão de 42. Aos 83 anos, os olhos deste francês nascido em Toulon, iluminam-se com um brilho juvenil sempre que é obrigado a declarar, publicamente, o seu amor por Brasília — uma paixão que o consume há 30 anos. Lúcio Costa cultiva essa ligação afetiva com a timidez de um adolescente.

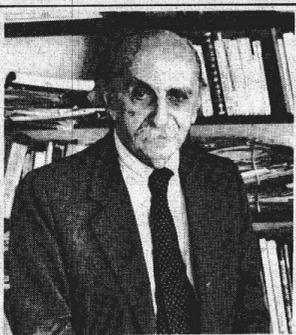
— Só a visitei cinco vezes em toda a minha vida. Mas sei tudo sobre ela. Não participei de sua construção nem da inauguração por uma questão de temperamento. Mas acompanhei sua vida diariamente através dos jornais. Senti a cidade pulsar, crescer e ganhar identidade própria. Na verdade, a Brasília que eu imaginei jamais esteve longe de mim. Hoje, por exemplo, contemplando-a a distância acho simplesmente extraordinário o fato de ela existir.

O arquiteto sustenta que o grande mérito de Juscelino foi justamente erguer uma cidade, no Planalto Central, numa escala que reproduzisse o Brasil definitivo. Brasília foi construída com essa perspectiva que se reflete, de forma mais acentuada, na generosidade de espaços. Os aspectos negativos que floresceram à sombra do Plano Piloto foram atrofiados pela própria grandeza da cidade. O seu crescimento, e, portanto, trouxe-lhe algumas agradáveis surpresas que não haviam sido previstas pelo memorial descritivo da obra, como a que ocorreu com a plataforma rodoviária.

— Imaginei-a como um lugar refinado, como o Picadilly Circus, um centro urbano requintado, uma coisa meio cosmopolita. Mas aconteceu o contrário. Vi então que eu tinha errado. Ao invés de ser ocupado por uma espécie de burguesia administrativa de Brasília, esse espaço foi invadido e ocupado pelo Brasil autêntico e trabalhador que havia sido excluído do Plano Piloto: a população das cidades satélites. Foi uma autêntica queda da Bastilha. O povo tomou o que era seu.

Com o mesmo entusiasmo de há 30 anos, Lúcio Costa acredita que uma de suas principais propostas, contidas no memorial descritivo — a sua transformação "num foco de cultura dos mais lúcidos do País" —, deverá ser agora retomada pela Nova República.

— Os homens que habitaram e governaram essa cidade, depois de



Para Lúcio Costa, o futuro será exuberante para a cidade que idealizou.

1964, não compreenderam isso suficientemente. Mas vamos chegar lá. Vinte e cinco anos não são nada na vida de uma cidade. Brasília foi pensada e feita em função do homem, em termos democráticos sem casuísmos. O futuro lhe reserva um destino exuberante.

Lúcio Costa, nas poucas vezes que foi a Brasília, jamais deixou de se entregar à cidade, pas-

seando de carro ou a pé, como convém, perdendo-se pelos seus generosos espaços, a fim de apreciá-la mais intimamente. Na sua opinião, Brasília não deveria ser visitada por turistas com idéias preconcebidas. A estas pessoas ele aconselha que desistam do passeio.

— Apesar de sua monumentalidade, Brasília é uma cidade recatada. Não é uma cidade para forasteiros.

Nessas longas caminhadas, sempre em busca de novas revelações, Lúcio Costa detém-se diante das superquadras, observando-as com indolente enlevo, os prédios soltos do chão, sobre pilotis, emoldurados por grandes áreas verdes. Uma situação inteiramente diferente da existente nos condomínios do Rio e de São Paulo, onde os moradores se julgam donos da área cercada.

— Em Brasília, os moradores são donos apenas da projeção do prédio, mas não do chão. As crianças, ali, brincam livremente ao alcance da voz dos pais, sem ser submetidas ao confinamento medieval dos condomínios modernos.

Lúcio Costa acha que um dos principais objetivos do tombamento do Plano-Piloto foi assegurar a integridade das superquadras, ao preservar a serenidade de gabaritos e impedir, assim, a ação predatória da especulação imobiliária, já que as unidades administrativas, pela sua própria natureza, estariam infensas a esse mal. Os resultados com essa proposição residencial urbana foram tão excelentes que o próprio Lúcio criaria, hoje, novas superquadras próximas ao Plano-Piloto, com apartamentos econômicos, para abrigar a classe trabalhadora. Seriam construídas ao longo da estrada que conduz às cidades-satélites. Ao visitá-las, pela primeira vez, há 10 anos, não se sentiu horrorizado com o que viu. Foi mais agredido pela construção dos edifícios do Banco Central e o segundo prédio do Banco do Brasil, projetos vulgares e pretensivos, que ofenderam a dignidade da paisagem arquitetônica de Brasília.

Domingos Meirelles